

O Brasil na corrida mundial por terras raras¹

Marcelo Mendo²

Frederico Viana³

Thiago Passos⁴

Há cerca de dois meses, quando as sanções do governo dos Estados Unidos sobre o Brasil foram anunciadas, sobretudo com as tarifas de 50% sobre produtos brasileiros, uma discussão até então secundária tomou corpo: o possível interesse do presidente Donald Trump em terras raras do nosso país. Por quê?

As chamadas “terras raras” são relevantes no contexto geopolítico global por fornecerem minerais como cério, lantânio e neodímio, além de vários outros. Eles são estratégicos, por exemplo, para ações concretas na pauta da transição energética, incluindo a produção de turbinas eólicas, carros elétricos, baterias e ímãs, além de usos militares e diversos tipos de equipamentos eletrônicos.

Atualmente, a China é o maior player global nesse mercado, que apenas em 2023 movimentou US\$ 13 bilhões, segundo relatório da Fortune Business Insights. A organização estima crescimento de cerca de 12% ao ano nessa cifra, ultrapassando US\$ 25 bilhões até 2030.

O avanço das políticas de transição energética, principalmente a substituição de combustíveis fósseis por fontes de energia limpa, a descarbonização e o desenvolvimento tecnológico estimulam uma demanda global sem precedentes por terras raras. No entanto, o cenário atual mostra que o Brasil tem apenas 1% da produção mundial desses minerais, segundo o Serviço Geológico do Brasil (CPRM).

De acordo com a edição 2025 do U.S. Mineral Commodity Summaries, o Brasil possui reservas de terras raras estimadas em 21 megatoneladas (Mt), o que corresponde a 23% das reservas conhecidas mundialmente. Estudos do CPRM identificaram potenciais significativos, sobretudo em áreas da Amazônia, Minas Gerais e Bahia.

Uma das causas do subdesenvolvimento deste mercado no Brasil está relacionado ao aproveitamento dessas reservas e à dificuldade de se encontrar depósitos minerais com concentrações suficientes para uma exploração técnica economicamente viável. Porém, diante do reconhecimento do potencial geológico brasileiro, o país pode se tornar um agente importante nesse cenário. Isso se deve ao fato de que empresas e governos de vários países têm demonstrado interesse em investir em projetos de mineração e processamento de terras raras brasileiras. Isso pode impulsionar o desenvolvimento da indústria nacional e colocar o Brasil em uma posição mais estratégica no mercado global.

¹ Artigo publicado em Valor Econômico. Disponível em:

<https://valor.globo.com/opiniaao/coluna/o-brasil-na-corrida-mundial-por-terras-raras.ghtml> Acessado em 29.09.2025

² Sócio da área de Direito da Mineração do Cescon Barrieu.

³ Sócio da área de Direito da Mineração do Cescon Barrieu.

⁴ Advogado associado do Cescon Barrieu.

O movimento recente em torno das terras raras não é mero acaso e pode ser considerado um dos principais temas geopolíticos do século XXI. Nos últimos anos, os Estados Unidos e seus aliados intensificaram os esforços para diversificar suas fontes de suprimento, que atualmente dependem da China. De acordo com o relatório U.S. Mineral Commodity Summaries 2025, a China concentra 69% da produção mundial de elementos de terras raras. O país também detém cerca de 85% da capacidade global de refino dessas substâncias e responde por 90% da fabricação de ímãs derivados desses elementos.

O predomínio chinês neste mercado não esteve sempre dado, nem aconteceu da noite para o dia. A partir principalmente da década de 1980, o governo chinês passou a investir estrategicamente em mineração e refino de materiais vindos de terras raras. Os Estados Unidos, logicamente, avaliam como sensível a alta concentração de separação e refino nas mãos dos chineses, o que reforça o interesse dos norte-americanos por parcerias para a exploração desses minerais com outros países.

O Brasil, que durante décadas ao longo do século XX foi um grande exportador de monazita, foi perdendo espaço, muito em razão de exportar apenas minerais brutos.

Nesse cenário, o Brasil se coloca como um futuro parceiro estratégico, tornando-se uma alternativa importante para a diversificação da cadeia de suprimentos global e podendo retomar um espaço que já teve no passado.

Organizar a cadeia de produção de minerais raros e incluir universidades e o setor privado na discussão é fundamental para que o país aumente seu protagonismo neste mercado. Hoje há apenas uma mina de terras raras em operação industrial no país, em Minaçu, Goiás

Atualmente, apenas uma mina de terras raras está em operação industrial no país. Ela fica em Minaçu, Goiás. Há também projetos ou casos em fase inicial de instalação e exploração em outros locais, mas nenhum com produção industrial conhecida, como Araxá (MG), Caetité (BA), Catalão (GO) e diferentes áreas dos estados de Amazonas e Rondônia.

Também existem algumas iniciativas em andamento para estimular o financiamento de empreendimentos destinados à produção e à transformação de terras raras e de outros minerais críticos estratégicos. Uma delas foi a instalação, no começo de setembro, da Frente Parlamentar em Defesa das Terras Raras Brasileiras, que buscará traçar um plano estratégico para o setor.

É importante destacar que o país já possui uma agenda regulatória e instrumentos de financiamento relevantes. Na área de investimentos, um exemplo é o Fundo de Investimento em Participações (FIP) lançado em 2024 pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e pelo Ministério de Minas e Energia. Estima-se que até R\$ 1 bilhão possam ser movimentados por meio deste veículo de investimento.

Além disso, o decreto 11.964/2024 incluiu os projetos de transformação de minerais estratégicos para a transição energética entre os setores que podem se beneficiar das debêntures incentivadas, instituídas pela Lei 14.801/2024. Isso permite benefícios tributários e flexibiliza os trâmites burocráticos.

Além disso, o BNDES e a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) lançaram edital para a seleção de planos de negócios para investimentos de até R\$ 5 bilhões. O foco são empreendimentos em fases iniciais e avançadas de pesquisa, produção e transformação de minerais estratégicos para a transição energética e a descarbonização.

O avanço em pesquisa e tecnologia é fundamental para que, além de explorar esses minerais, o Brasil também possa se tornar um player global nas etapas de separação e refino. Essas etapas constituem importante valor agregado aos minerais. Hoje, a baixa participação do Brasil neste mercado global ainda se dá basicamente por meio da

exportação de concentrado mineral, que é processado fora, principalmente na China e na Índia.

Organizar a cadeia de produção de minerais raros e incluir universidades e o setor privado na discussão é fundamental para que o Brasil aumente seu protagonismo neste mercado que, segundo praticamente todas as projeções, deve crescer nas próximas décadas.

A instituição de todo esse arcabouço legislativo e regulatório, somada à criação de instrumentos de financiamento, representa não apenas um avanço, mas desbloqueiam um mercado potencial, consolidando uma trajetória de desenvolvimento econômico, tecnológico e social verdadeiramente transformadora no mercado de terras raras brasileiro.